

Escola de Formação de Agentes de Pastoral da Diocese de São Carlos

C R I S T O L O G I A

Parte I – março/2020

I) INTRODUÇÃO

Antropologia (humano)	⇒	Teologia (divino)
Do Grego: anthropos: homem + logos: tratado; Estudo do homem e dos grupos humanos (aspectos cultural, social, econômico, político e religioso)		Do grego: theos: deus + logos: tratado; Estudo racional da fé em Deus e das coisas divinas à luz da revelação.
Jesuologia	⇒	Cristologia
Estudo de Jesus como homem histórico		Estudo teológico e sistemático sobre Jesus Cristo; é a busca da compreensão da pessoa de Jesus Cristo considerando os níveis de nossa existência: político, social, ideológico, econômico e religioso
Libertação	⇒	Salvação
Jesus liberta		Cristo salva

1.1 Buscando entender a relação Jesuologia – Cristologia

- Jesus Cristo é o Jesus de Nazaré?
- O Jesus que se prega hoje é o mesmo Jesus que viveu na Palestina e foi crucificado sob o poder de Pôncio Pilatos?
- O que significa para mim que Jesus de Nazaré seja Deus?
- A Cristologia se baseia em Jesus mesmo ou no Querigma de sua comunidade? (At 4,8-12; At 2-3; At 10,34-43; 1Cor 15,1-11; Fil 2,5-11)

“Querigma significa o primeiro anúncio da Boa-Nova do acontecimento Jesus de Nazaré realizado na força do Espírito Santo, baseado no testemunho pessoal dos apóstolos.”

Importante: quem crê em Jesus crê no Salvador, naquele que foi crucificado. Quem foi crucificado foi Jesus, o Nazareno, que após a Ressurreição foi reconhecido como o Cristo = o Salvador, o Ungido, o Esperado e se tornou o KYRIOS = o Senhor.

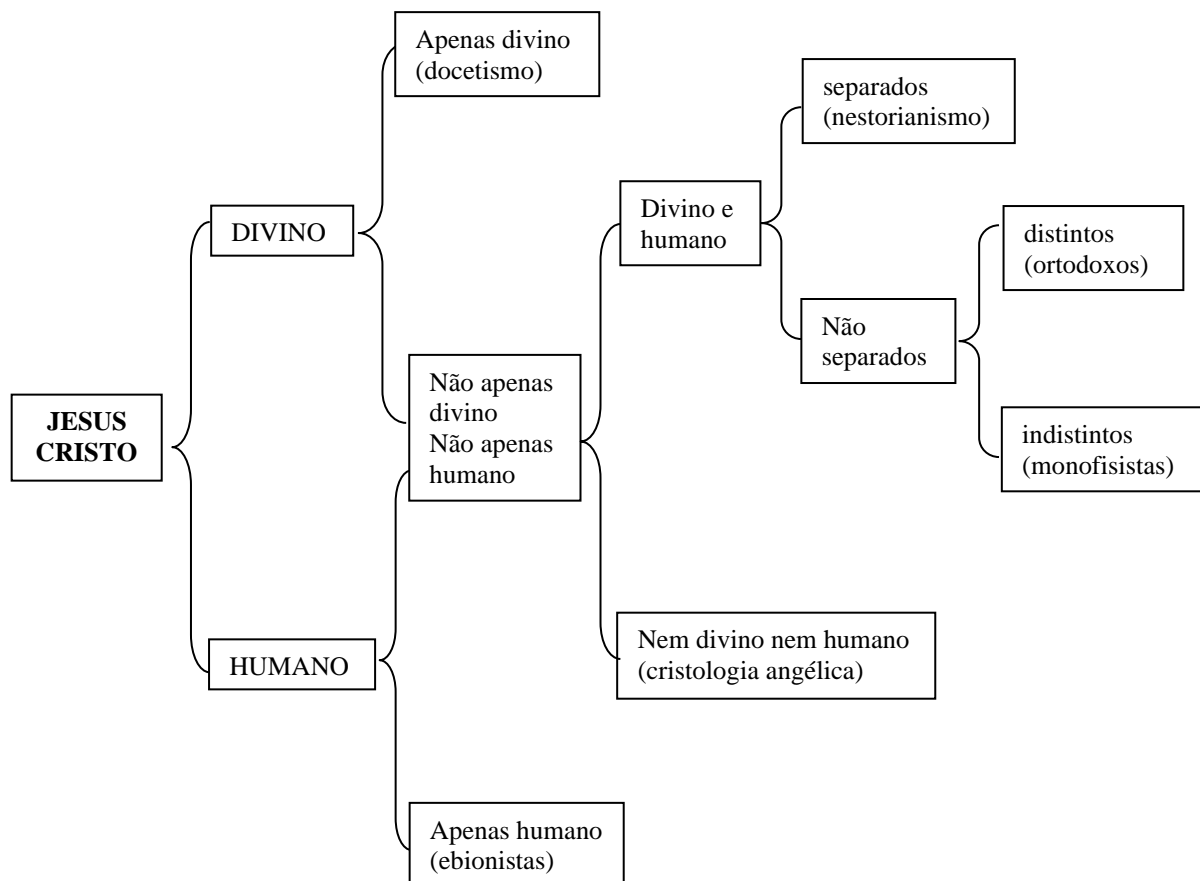
Na tentativa de explicar ou negar a existência de Jesus Cristo foram cometidas muitas **heresias** (desvio teológico sério na busca da compreensão da pessoa de Jesus Cristo).

1.2 A evolução da compreensão da teologia cristã

Os grandes conflitos cristológicos são em parte produto de duas correntes: uma teologicamente “pobre”, de origem judaica, e a outra teologicamente “rica”, platônica. A “**crisologia pobre**” ou “**crisologia do baixo**” acentua a humanidade de Cristo; seus representantes mais antigos são os ebionitas (seita judaico-cristã). A “**crisologia rica**” ou “**crisologia do alto**” está associada aos teólogos alexandrinos e, por sua vez, vai dar mais destaque à parte divina de Cristo, negando-lhe uma alma humana.

Essas correntes e pensamentos foram discutidos e refutados ao longo dos tempos pela Igreja nos seus Concílios.

Para ELIADE; COULIANO (1994), esses pensamentos e todas as suas possibilidades podem ser representados num esquema.



Entre as principais escolas que buscaram determinar a natureza de Cristo podem ser citadas (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Crisologia>):

- Docetismo - defende que Jesus era um mensageiro dos céus e que seu corpo era "carnal" apenas na aparência e sua crucificação teria sido uma ilusão;
- Ebionismo - que crê em Jesus como um profeta, nascido de Maria e José, que teria se tornado Cristo no ato do batismo;

- Cristologia angélica - ligada à tradição judaica que reconhecia Jesus como um homem excepcional;
- Nestorianismo - segundo a qual Jesus Cristo é, na verdade, duas entidades vivendo no mesmo corpo: uma humana (Jesus) e uma divina (Cristo);
- Monofisismo - segundo a qual Cristo teria uma única natureza composta da união de elementos divinos e elementos humanos;
- Elcasaismo - recusam a divindade de Cristo, consideram-no o último dos profetas e chamam-lhe anjo Jesus.
- Arianismo - que crê que Jesus, apesar de um ser superior, seja inferior ao Pai sendo uma criatura sua;

Fiel à Sagrada Escritura e refutando interpretações errôneas e redutivas, o primeiro Concílio de Nicéia (ano de 325) definiu solenemente a própria fé em *“Jesus Cristo, o Filho de Deus, gerado unigênito do Pai, ou seja, da substância do Pai; Deus de Deus, luz da luz, Deus verdadeiro de Deus verdadeiro; gerado, não criado, consubstancial ao Pai, por meio do qual foram criadas todas as coisas do céu e da terra. Por nós homens e pela nossa salvação, desceu do céu, encarnou e Se fez homem, sofreu e ressuscitou ao terceiro dia, voltou a subir ao céu, donde virá para julgar os vivos e os mortos”*.

A **Cristologia Ortodoxa**, defendida pelas Igrejas Católica, Ortodoxas e Protestantes, tem por base o Concílio de Calcedônia (em 451 d.C., o qual estabeleceu as bases desta corrente, na qual o Cristo é verdadeiro Deus e verdadeiro Homem (união hipostática) e se apresenta em duas naturezas sem distinção, indivisíveis e inseparáveis, de tal forma que as propriedades de cada uma permanecem ainda mais firmes quando unidas numa só pessoa. Para os defensores desta cristologia, o termo "Filho de Deus" aplicado a Jesus deve ser interpretado com a natureza de Deus, gerado já desde o início de tudo e, portanto co-eterno.

A esse respeito, João Paulo II declarou explicitamente: *“É contrário à fé cristã introduzir qualquer separação entre o Verbo e Jesus Cristo [...]: Jesus é o Verbo Encarnado, pessoa una e indivisa [...]. Cristo não é diferente de Jesus de Nazaré; e este é o Verbo de Deus, feito homem para a salvação de todos [...]. À medida que formos descobrindo e valorizando os diversos tipos de dons, e sobretudo as riquezas espirituais, que Deus distribuiu a cada povo, não podemos separá-los de Jesus Cristo, o qual está no centro da economia salvadora”* (Redemptorius missio).

A união de uma natureza humana e uma natureza divina numa Pessoa – Jesus Cristo – é um mistério de fé. Jesus mostrou claramente a sua dualidade de naturezas ao fazer, por um lado, aquilo que só Deus poderia fazer, como ressuscitar mortos; e por outro lado, realizou as ações mais comuns dos homens, como comer, beber e dormir. Com igual clareza, Jesus mostrou a unidade de sua personalidade. (TRESE, 1987).

O Jesus Histórico é o Jesus da Fé
--

II) O JESUS HISTÓRICO

- Embora não exista uma biografia específica de Jesus de Nazaré encontramos nos Evangelhos sinóticos dados concretos de sua existência.
- Flavio Josefo, historiador e *apologista* judaico-romano, que viveu de 37 até o ano 100, descendente de uma linhagem de importantes sacerdotes e reis, também escreve sobre Jesus em seu livro “Antiguidades Judaicas”, livro 18, parágrafos 63 e 64, escrito em 93:

"Havia neste tempo Jesus, um homem sábio [se é lícito chamá-lo de homem, porque ele foi o autor de coisas admiráveis, um professor tal que fazia os homens receberem a verdade com prazer]. Ele fez seguidores tanto entre os judeus como entre os gentios.[Ele era o Cristo.] E quando Pôncio Pilatos, seguindo a sugestão dos principais entre nós, condenou-o à cruz, os que o amaram no princípio não o esqueceram; porque ele apareceu a eles vivo novamente no terceiro dia; como os divinos profetas tinham previsto estas e milhares de outras coisas maravilhosas a respeito dele. E a tribo dos cristãos, assim chamados por causa dele, não está extinta até hoje."

Apologética é a disciplina teológica própria de uma certa religião que se propõe a demonstrar a verdade da própria doutrina, defendendo-a de teses contrárias. Esta palavra deriva do nome do deus grego Apolo.

JESUS NÃO É MITO. JESUS NÃO É ANJO.

2.1. A anunciação

Maria estava prometida em casamento a José - no mundo judaico significava que ela estava noiva. O noivado em Israel do tempo de Cristo tratava-se já de um contrato de casamento, que durava por volta de um ano. Só que os noivos não coabitavam. Porém, para desmanchar um noivado era preciso uma carta de divórcio.

O anjo Gabriel apareceu à Maria e anunciou (Lc 1,35):

- *“O Espírito Santo descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo a cobrirá com a sua sombra. Por isso, o Santo que nascer de você será chamado Filho de Deus.”*

Quando Maria compreendeu a profundidade do que estava acontecendo, ela se colocou nas mãos de Deus (Lc 1,38):

- *“Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra.”*

O menino nascerá de uma virgem. Tudo acontece para que se cumpra a passagem de Isaías (Is 7,14) que anuncia o Emanuel.

José recebe o anúncio do nascimento do menino num sonho que lhe aparece o Anjo do Senhor, como aos antigos patriarcas (Gn 16,7; 21,17). Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor e recebeu Maria como sua esposa (Mt 1, 18-25).

- O nome do menino será “Jesus, pois ele vai salvar o seu povo dos seus pecados” (Mt 1, 21). Um nome cheio de significado na História do povo judeu (Eccl 46,1-2);

2.2. A encarnação e nascimento de Jesus

Jesus assume a condição humana com suas limitações e possibilidades: *“Igual a nós em tudo, menos no pecado”* (Hb 4,15).

Jesus assumiu os condicionamentos da vida humana – lugar, cultura, classe etc. – e os assumiu sobre o aspecto que mais pesa: no meio dos pobres. *“Sendo de condição divina, esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, um no meio de muitos”* (Fl 2,6-7). *“Sendo rico, se fez pobre”* (2Cor 8,9), *“filho de carpinteiro”* (Mt 13,55). (CRB):

- José participou do recenseamento judeu na época. Era a lei que as pessoas se recenseassem na sua terra de origem. E a terra de origem de José era Belém na Judéia. Maria, como esposa, seguiu o marido, mesmo estando grávida.
- Jesus nasceu em Belém da Judéia, mas se criou em Nazaré da Galiléia;
- A estrela é um sinal da vinda do Messias, também apelido de “Filho da Estrela” (Nm 24,17);
- Jesus recebe na manjedoura a visita dos pastores (Lc 2, 8-20) e dos magos do Oriente (Mt 2, 1-12);
- Jesus é da descendência de Davi por ser filho de José (Mt 1, 1-17);
- Jesus nasce leigo (família não sacerdotal), pobre, sem a proteção de uma classe religiosa ou social.

2.3. A infância de Jesus

Os relatos dos evangelhos sobre o Jesus Menino têm objetivos de fazer um *midrash* (um exercício de leitura e reflexão de um fato novo, partindo do texto da Escritura). Buscam edificar a fé e esclarecer os ouvintes relendo acontecimentos da vida de Jesus com passagens do Antigo Testamento. (CRB).

- Após a visita dos Magos do Oriente, o Anjo do Senhor apareceu novamente a José e avisou para que eles fugissem para o Egito para evitarem participar da morte dos inocentes (Mt 2, 13-15);
- Após a morte de Herodes, a família voltou para Nazaré, onde Jesus cresceu (Mt 2, 19-23);
- Jesus foi criado no interior, na roça, não estudou, trabalhava muito;
- Jesus sabia ler hebraico e conhecia bem as Escrituras (Lc 4, 16);
- Jesus era carpinteiro, como seu pai (Mt 13, 55). “Não é ele o carpinteiro, o filho de Maria?” (Mc 6, 3);
- Quando Jesus tinha 12 anos ele foi para Jerusalém com seus pais para celebrar a Páscoa. Quando seus pais voltaram para casa de caravana eles não repararam que Jesus tinha ficado para trás. Depois de procurar por três dias, encontraram o menino no templo, escutando e fazendo perguntas aos mestres da lei (Lc 2, 41-50);
- A única outra informação que a Bíblia nos dá sobre o restante da infância de Jesus é que **Jesus era obediente a seus pais**, e que Ele **cresceu em sabedoria, em estatura e em graça**, diante de Deus e dos homens (Lc 2, 51-52).

2.4 O Batismo de Jesus

O Batismo de Jesus marca o início do ministério público de Jesus.

- O Batismo é **um dos seis eventos mais importantes da narrativa evangélica** sobre a vida de Jesus, os outros sendo a encarnação do verbo e nascimento, a transfiguração, a crucificação, a ressurreição e a ascensão.

João Batista pregava o "batismo pela água", não de perdão, mas para a remissão dos pecados (Lc 3, 3) e se declarava um precursor d'Aquele que iria batizar "com o Espírito Santo e com o fogo" (Lc 3, 16). João é reconhecido como aquele que estava preparando o caminho para o "Senhor".

Jesus veio até o Rio Jordão encontrar João. João se declara "indigno sequer de me abaixar para desamarrar as suas sandálias" (Mc 1, 7).

O Batismo termina com o céu se abrindo, a descida do Espírito Santo na forma de uma pomba e uma voz divina anunciando: "Tu és o meu Filho amado; em ti encontro o meu agrado" (Mc 1, 11).

A declaração combina **frases chave** do Antigo Testamento:

- "Meu Filho" (o rei da linhagem de David adotado como Filho de Deus em Salmos 2, 1 e Salmos 10, 1),
- "dileto" (ou "bem-amado" – como Isaac em Gn 22:) e
- "em ti me agrado" (o servo de Deus em Is 42, 1)

2.5. A inserção de Jesus

Jesus estava consciente da história do seu povo e da Revelação de Deus no Antigo Testamento.

Jesus viveu num ambiente de expectativas messiânicas por causa da **dupla dominação**: opressão e exploração por parte do **Império Romano** e das **autoridades judaicas** sobre o povo. Havia conflitos nos vários níveis da vida: econômico, social, político, ideológico, cultural e religioso. O POVO ANSIAVA POR LIBERTAÇÃO.

Grande parte do povo ficou marginalizada como ignorante e incapaz de compreender a Lei e as tradições. Este cativeiro, mantido tanto pelos doutores da Lei como pelos funcionários do templo, era o que mais atormentava o povo e o fazia sofrer. A luta contra este cativeiro foi a que mais marcou a prática de Jesus. (CRB).

As pessoas esperavam a chegada do Reino (reinado) de Deus que efetuaria a libertação de Israel.

2.6. A prática de Jesus

Jesus não aceitou a esperança messiânica nacionalista do povo. Com sua vida, ele apresenta uma outra maneira de servir ao seu povo e se revela como o verdadeiro Messias. As práticas messiânicas de Jesus se diferenciam da imagem oficial do Messias daquele tempo (CRB):

- Jesus anuncia a Boa Nova primeiramente aos pobres da Galileia, lugar desprezado pela elite judaica;
- Jesus critica a lei da pureza, vive no meio dos marginalizados pela Lei; essa atitude de Jesus desafia a imagem do messias como mestre e guardião da Lei oficial, por quem os fariseus e essênios esperavam;
- Jesus não manda nem domina as pessoas, mas veio para servi-las; esta prática não segue a regra do Rei Messias vitorioso que implanta o reinado de Deus mediante a violência e o domínio;
- Jesus acolhe os estrangeiros; esta ação libertadora não coincide com o messianismo nacionalista de salvação só dos judeus;
- Jesus desafia as autoridades judaicas (os sacerdotes e saduceus) estabelecidos no Templo; esta é a causa principal da ira das autoridades e dos trabalhadores do Templo, considerado o local onde o Messias se revelaria e começaria sua conquista triunfante.
- Jesus convive com os marginalizados e os acolhe;
- Jesus acolhe e não discrimina a mulher;
- Jesus combate as divisões injustas: judeus e estrangeiros, puro e impuro etc.;
- Jesus combate os males que estragam a vida: fome, doença, tristeza, ignorância, o medo, os demônios etc.;
- Jesus desmascara a falsidade dos grandes: sacerdotes, escribas, fariseus, ricos etc..

Jesus acompanha e forma seus discípulos e discípulas. Através desta convivência, o chamado se aprofunda e o processo de conversão avança. Eis alguns pontos da **pedagogia** de Jesus:

- Manda observar a realidade (Mc 8,27-29), confronta-a com as necessidades do povo (Jo 6,5);
- Envolve-os na missão (Mc 6,7; Lc 9,1-2);
- Corrige-os quando erram (Lc 9,46-48), ajuda-os a discernir (Mc 9,28-29) e interpela-os quando são lentos (Mc 4,13);
- Defende-os (Mc 2,19) e prepara-os para conflitos com os adversários (Jo 16,33);
- Ensina-os a rezar (Lc 11,1-13); procura momentos para instruí-los (Mc 9,30-31);
- Cuida do descanso (Mc 6,31) e de sua alimentação (Jo 21,9).

A convivência com Jesus faz nascer neles a necessidade de transgredir normas “caducas”: colhem espigas quando estão com fome (Mt 12,1), entram na casa de pecadores (Mc 2,15-17), não fazem jejum (Mc 2,18). Aprendem que as necessidades do povo e da missão são superiores às prescrições rituais (Mc 2,27).

III) O CRISTO DA FÉ

- Aceitar que Jesus Cristo é o Filho de Deus Salvador implica numa confissão, numa profissão de fé: JESUS É O CRISTO (At 2, 36).
- Tal afirmação é pós-pascal e fruto da vivência comunitária em torno do nome de Jesus (professar o Nome de Jesus significa assumir a sua prática)

Por que Deus se fez homem? (ENCARNAÇÃO)

- Porque o homem se mostrou débil no exercício de sua liberdade (=PECADO). Deus achou necessário resgatá-lo e restaurar a ordem cósmica (=SALVAÇÃO).
- Deus se fez obediente (o Cristo) e salva o homem por justiça, por amor.

3.1. As expectativas messiânicas

Existiam quatro linhas de interpretação das expectativas messiânicas em Israel:

- o Profeta dos Últimos Tempos
- o Filho de Davi
- o Servo Sofredor de Javé
- o Filho do Homem

Depois da Páscoa cristã, os evangelistas fazem-nas convergir em Jesus Cristo.

O Profeta dos Últimos Tempos (Ml 4, 5-6):

“Eis que eu vos enviarei o profeta Elias, antes que venha o grande e terrível dia do Senhor; E ele converterá o coração dos pais aos filhos, e o coração dos filhos a seus pais; para que eu não venha, e fira a terra com maldição.

- O profeta Malaquias falou sobre a obra de um mensageiro que seria precedido pelo profeta Elias (Ml 3, 1-5), e o Novo Testamento revela que Jesus é esse mensageiro, bem como João Batista foi aquele que o precedeu, desempenhando seu ministério no “espírito e poder de Elias” (Mt 11,14; 17,10-12; Lc 1, 17).
- O profeta Malaquias viveu no tempo de Esdras e Neemias, e seu ministério ocorreu em algum momento entre 458 e 433 a.C.
- O profeta Malaquias denunciou o estado de corrupção pelo pecado em que o povo de Israel se encontrava.
- **A mensagem do profeta Malaquias também aponta diretamente para Cristo**, no sentido de que por mais que o povo estivesse desanimado, Deus enviaria o Messias para purificar seu povo.

O Filho de Davi (Salmo 89, 3-4)

*“Fiz uma aliança com o meu escolhido, e jurei ao meu **servo Davi**:*

Vou estabelecer sua descendência para sempre, e de geração em geração vou construir um trono para você”.

- Deus prometeu estabelecer o reino de Davi para sempre. Ele também prometeu vencer os inimigos do Seu povo e cuidar do Seu povo, mas tudo isto é acompanhado com repreensão cada vez que o Seu povo se desviar dos Seus caminhos.

O Servo Sofredor de Javé (Is 52,13-53,12)

*“Por causa de tudo por que passou, o meu **Servo justo** fará com que muitos sejam considerados justos perante Deus, visto que levará todos os seus pecados. Por isso, lhe darei as honras de quem é grande e poderoso, pois derramou a sua alma, indo até à morte.”*

Este texto isaiano descreve o sofrimento, a morte e a exaltação do Servo de Javé, e o Novo Testamento **identifica este Servo com o Messias** prometido pelos profetas do Antigo Testamento (At 8, 32-33; cf. Mt 8,17; Lc 22, 37; 1Pe 2, 24). Não é sem razão, pois, que o personagem apresentado no quarto cântico é comumente chamado de “Servo Sofredor”.

O Filho do Homem

*Sl 8, 4: “Que é o homem, para que te lembres dele? E o **filho do homem**, para que o visites?”*

*Dn 7, 13-14: “Eu estava olhando nas minhas visões da noite, e eis que vinha nas nuvens do céu um como o **filho do homem**; e dirigiu-se ao ancião de dias, e o fizeram chegar até ele. E foi-lhe dado o domínio, e a honra, e o reino, para que todos os povos, nações e línguas o servissem; o seu domínio é um domínio eterno, que não passará, e o seu reino tal, que não será destruído.*

- No Velho Testamento, chamar alguém de “filho do homem” é o mesmo que chamá-lo de “homem”. É como dizer “descendente de seres humanos” (Sl 8, 4). Esse é o uso mais comum dessa expressão.
- Em Daniel, a pessoa “semelhante a um filho do homem” é uma referência ao Messias, o Salvador do mundo.

Jesus usava o título “**Filho do Homem**” quando falava sobre sua missão e sua autoridade divina. Ele provavelmente se chamava de Filho do Homem por dois motivos:

- **Para dizer que era humano** – mesmo sendo Deus e tendo muito poder, Jesus era tão humano como nós;
- **Para se identificar como o Messias** – Jesus citava o profeta Daniel indicando que ele era o Messias tão aguardado

3.2. Os partidos políticos na época de Jesus

Na época de Jesus, os partidos eram ao mesmo tempo religiosos e políticos. Todos os grupos religiosos-políticos reivindicavam serem os portadores do Reino de Deus. Eram divididos em partidos da **classe dominante**: saduceus e herodianos; e os partidos de **oposição**: fariseus, zelotas e essênios.

- **saduceus**: o nome Saduceu vem de Sadoc, que foi sumo sacerdote no tempo do Rei Davi. São descendentes do sacerdócio e da aristocracia da época dos Macabeus; tem o poder na mão e intervêm constantemente na vida política do país, sobretudo por intermédio do Sumo Sacerdote (escolhido pelas autoridades romanas) e do Sinédrio (Tribunal Supremo que administra a Justiça do povo judeu). É um grupo formado pelos grandes proprietários de terras (anciãos) e pelos membros da elite sacerdotal. São os maiores colaboradores do império romano. São os principais responsáveis pela morte de Jesus.
- **doutores da lei (escribas)**: o poder deste grupo reside no seu saber das Escrituras e são especialistas em direito, administração e educação. A influência deles é exercida principalmente em 3 lugares: Sinédrio, sinagoga e escola. No Sinédrio, eles se apresentam como juristas para aplicar a Lei. Na sinagoga, eles são os grandes intérpretes das Escrituras, criando a tradição através da releitura, explicação e aplicação da Lei para os novos tempos. Abrem escolas e fazem novos discípulos.
- **fariseus**: o termo fariseu quer dizer separado. Eram praticantes radicais da Lei Mosaica, são nacionalistas e hostis ao império romano, recusam o engajamento político ativo e pensam obter a salvação do povo, favorecidos por um estudo sério da Lei. É um grupo formado por leigos provindos de todas as camadas da sociedade, principalmente artesãos e pequenos comerciantes. A maior expressão do farisaísmo é a criação da sinagoga, opondo-se ao Templo, dominado pelos saduceus. Os fariseus acreditam na predestinação, na ressurreição e no messianismo. Esperam um messias político-espiritual, alguém da descendência de Davi.
- **zelotas**: Em grego, zelotai = zelotas, zelotes ou fanáticos. Oriundos dos fariseus, este grupo era formado por pequenos camponeses e das camadas mais pobres da sociedade, massacrados por um sistema fiscal impiedoso. Eram os nacionalistas mais radicais entre os judeus e tinham uma confiança absoluta em Deus e nas instituições queridas por Ele: o Templo e a Lei; com suas ações de “extermínio dos ímpios” pensam que apressam a vinda do seu Messias, que seria descendente de Davi. Enquanto os fariseus se mantêm passivos, os zelotas partem para a luta armada. Por isso, as autoridades os consideram criminosos e terroristas e são perseguidos pelo poder romano. Aspiravam pela instauração do Reino de Deus, que para eles se resumia numa libertação da dominação estrangeira.
- **essênios**: os essênios romperam com os fariseus e saduceus, e se estabeleceram no deserto, formando seu próprio sistema de sacrifícios (devido a corrupção dos Saduceus), nos anos entre 200 e 100 Antes de Cristo. Deixaram Jerusalém e foram morar em grutas. Descobertas nos Manuscritos do Mar Morto (também chamados de manuscritos de Qumram) tem mostrado uma comunidade muito voltada para o tema Messiânico – esperavam um messias chamado Mestre da Justiça, que organizaria a guerra santa para exterminar os ímpios e estabelecer

o reino eterno dos justos. Assemelhavam-se a uma comunidade de monges com disciplina rígida. Tinham os seus bens em comum, não usavam armas. Praticavam a pobreza, o celibato e a obediência a um superior. Estudavam as Escrituras e eram fiéis à Lei de Moisés. Não frequentavam o Templo. João Batista foi, provavelmente um Essênio, que eventualmente rompeu com os Essênios e formou o seu próprio grupo, inclusive teve vários discípulos, dele mesmo.

- **batistas:** pregavam o batismo de conversão e de perdão dos pecados, rejeitavam a adoração ao Templo e aos sacrifícios sangrentos;
- **herodianos:** segundo alguns estudiosos, os mensageiros e soldados de Herodes Antipas eram os herodianos. Outros defendem que eles eram provavelmente um partido político público que se distinguia dos outros dois grandes partidos do judaísmo pós-exílio (os fariseus e os saduceus) por terem se aliado a Herodes, o Grande e sua dinastia. Eram conservadores e favoráveis à presença dos romanos. Os herodianos consideravam o próprio Herodes como o Messias.
- **samaritanos:** apesar de não pertencerem ao judaísmo, os samaritanos habitam o ambiente palestinese. Mais ainda que os judeus, observam escrupulosamente as prescrições do Pentateuco. Não aceitavam os outros escritos do Antigo Testamento, não frequentam o Templo, e o lugar do culto é o Monte Garizim, na Samaria. Esperam um messias chamado Taeb (aquele que volta), que seria um novo Moisés. Os samaritanos são considerados pelos judeus como uma raça impura por serem descendentes da população misturada com estrangeiros.

Jesus extrapolava todos esses grupos. Jesus ameaçava seriamente o fundamento da autoridade constituída (política e teocrática).

3.3. A proposta do Reino

Reino de Deus = Reino dos Céus

A frase "o Reino de Deus" ocorre 68 vezes em 10 diferentes livros do Novo Testamento, enquanto o "reino dos céus" ocorre apenas 32 vezes, e só no Evangelho de Mateus. Com base no uso exclusivo de Mateus da frase e na natureza judaica de seu Evangelho, alguns intérpretes concluíram que Mateus estava escrevendo diretamente aos judeus. Naquela época, os judeus também não repetiam o nome de Deus;

- Jesus não faz distinção entre os dois termos, mas parece considerá-los sinônimos.
- Falando com o jovem rico, Jesus usa os termos "reino dos céus" e "reino de Deus" alternadamente.

"Disse então Jesus aos seus discípulos: Em verdade vos digo que um rico dificilmente entrará no reino dos céus. E outra vez vos digo que é mais fácil um camelo passar pelo fundo duma agulha, do que entrar um rico no reino de Deus" (Mt 19, 23- 24).

O Reino é a realização de todas as promessas de Deus. É, sobretudo, o anúncio da presença definitiva de Deus, que se comunica com os homens. O Reino é a relação pessoal do Pai com seus filhos.

Jesus vem anunciar que Deus está presente no meio dos homens como um princípio de vida de comunhão (Jo 14,6). Jesus identifica o Reino com sua pessoa e a sua prática faz dos pobres os herdeiros.

O **Evangelho é o anúncio da Boa nova**: mudança real da situação dos pobres (oprimidos, marginalizados, excluídos, empobrecidos, doentes, cegos, surdos, mudos, leprosos, mulheres).

EVANGELHO = REINO = POBRES

O anúncio do Reino exige rompimento com a ideologia dominante de opressão; a destruição do Mal; o seguimento de Jesus (conversão); o aprofundamento da fé; e a celebração da vontade de Deus.

3.4. Os títulos de Jesus

“Quem dizem os homens que eu sou?” (Mt 16,13)

Alguns nomes e títulos de Jesus aparecem na História da Salvação do povo judeu. Cada um dos nomes possui significado e está relacionado com algum evento da História da Salvação.

Após a Ressurreição de Jesus, os discípulos e exegetas vão relacionar os nomes com Jesus. Representam a primeira tentativa de expressar o alcance e o significado da pessoa de Jesus para a vida do cristão. Cada nome representa um pedacinho daquilo que eles experimentaram.

- **nomes ou apelidos:**

1. Jesus (Mt 1,21)
2. Nazareno (Mt 2,23)
3. Filho de Maria (Mc 6,3)
4. Filho de José (Jo 6,42)

- **atributos ou títulos notáveis:**

5. Homem (Jo 19,5)
6. Amigo (Jo 15,15)
7. Pastor (Jo 10,11)
8. Rei (Jo 18,37)
9. Mestre (Jo 20,16)
10. Profeta (Jo 6,14)
11. Senhor (At 2,36)
12. Servo (At 3,26; 4,30)
13. Salvador (At 13,23)
14. Juiz (At 10,42)
15. Autor da vida (At 3,15)
16. Autor e realizador da fé (Hb 12,2)
17. Pedagogo (Gl 3,24)
18. Bispo (supervisor) (1Pd 2,25)
19. Sacerdote (Hb 2,17)
20. Mediador (Hb 12,24)

21. Testemunha (mártir) (Ap 1,5)

22. Apóstolo (Hb 3,1)

- **adjetivos aplicados a Jesus:**

23. Justo (At 3,14)
24. Fiel (Ap 19,11)
25. Verdadeiro (Ap 19,11)
26. Santo (At 3,14)
27. Santo de Deus (Jo 6,69)

- **realidades da vida tornaram-se nomes simbólicos de Jesus:**

28. Pão (Jo 6,35)
29. Luz (Jo 8,12)
30. Porta (Jo 10, 7.9)
31. Caminho (Jo 14,6)
32. Verdade (Jo 14,6)
33. Vida (Jo 14,6)
34. Videira (Jo 15,5)
35. Veste (vestir de Cristo) (Gl 3,27; Rm 13,14)
36. Rocha (Êxodo) (1Cor 10,4)
37. Fundamento (1Cor 3,11)
38. Pedra Angular (Ef 2,20)

- 39. Paz (Ef 2,14)
- 40. Princípio (Cl 1,18)
 - **o Antigo Testamento ajudou muito:**
- 41. Filho do Homem (Mc 8,31)
- 42. Filho de Davi (Lc 18,38)
- 43. Filho de Deus (Mc 15,39)
- 44. Filho do Altíssimo (Lc 1,32)
- 45. Mais que Salomão (Lc 11,31)
- 46. Mais que Jonas (Lc 11,32)
- 47. Raiz de Davi (Ap 5,5)
- 48. Rei de Israel (Jo 1,49)
- 49. Serpente de bronze (Jo 3,14)
- 50. Cordeiro de Deus (Jo 1,29)
- 51. Leão da tribo de Judá (Ap 5,5)
- 52. Páscoa (1Cor 5,7)
- 53. Templo (Jo 2,21)
- 54. Noivo (Mc 2,19)
- 55. Messias (At 2,36)
- 56. Sim (2Cor 1,19)
- 57. Último Adão (1Cor 15,45)
- 58. Segundo homem (1Cor 15,47)
- 59. Homem celeste (1Cor 5,48)
- 60. Cabeça da Igreja (Cl 1,18)
- 61. Unigênito (Jo 1,18)
- 62. Primogênito dos mortos (Ap 1,5)
- 63. Primogênito da criação (Cl 1,15)

- 64. Ressurreição (Jo 11,25)
- 65. Santificação (1Cor 1,30)
- 66. Redenção (1Cor 1,30)
- 67. Propiciação (1Jo 2,2)
- 68. Sabedoria de Deus (1Cor 1,24)
- 69. Palavra de Deus (Ap 19,13)
- 70. Justiça de Deus (1Cor 1,30)
- 71. Poder de Deus (1Cor 1,24)
- 72. Imagem de Deus invisível (Cl 1,15)
- 73. Esplendor da Glória do Pai (Hb 1,3)
- 74. Figura da sua substância (Hb 1,3)

- **também títulos dos vários Impérios:**
- 75. Rei dos Reis (1Tm 6,15)
- 76. Senhor dos Senhores (1Tm 6,15)
- 77. Comandante (Hb 12,2)
- 78. Princípio e fim (Ap 22,13)
- 79. Primeiro e último (Ap 22,13)
- 80. Alfa e ômega (Ap 22,13)

- **todos os títulos querem significar:**
- 81. Emanuel (Mt 1,23)
- 82. Grande Deus (Tt 2,13)
- 83. Eu sou (Jo 8,58)

3.5. Concluindo

O começo da **crístologia** é o esforço de verbalizar e partilhar a experiência de fé no Cristo vivo, sentida como algo de profundamento benéfica para a vida humana. Com essas denominações pode-se avaliar o que Jesus significa para os primeiros cristãos (CRB, 1994).

É somente a partir da cruz que a comunidade pode entender e dizer que “*Verdadeiramente este homem era filho de Deus*” (Mc 15,39b). Nota-se aqui uma mensagem teológica do segredo messiânico: uma catequese que Marcos preparou para corrigir a ideologia messiânica triunfalista de sua comunidade.

Esta mensagem não vale só para os primeiros cristãos, mas para todas as pessoas que esperam uma intervenção imediatista de Deus. Elas se esquecem de que Deus já está encarnado neste mundo e nada fazem para melhorar a situação injusta e desumana junto com Ele (CRB).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

AYMORÉ. **Cristologia**. /apostila da primeira turma do curso de Teologia Pastoral da Diocese de São Carlos/ 1992.

BELTRAME. **Cristologia**. /apostila do curso de Teologia Pastoral da Diocese de São Carlos/ sem data.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Declaração *Dominus Iesus***. Disponível no site da CNBB: <http://www.cnbb.org.br>

CRB (Conferência dos Religiosos do Brasil). **Seguir Jesus: os evangelhos**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

DIOCESE DE OSASCO. **Livro do catequista: fé, vida e comunidade**. São Paulo, Paulus, 1994.

DIOCESE DE SANTARÉM. **Projeto de Deus em Jesus Cristo**. São Paulo: Paulinas, 1987.

ELIADE, M.; COULIANO, I.P. **Dicionário das Religiões**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1994.

FERRARO, B. **Cristologia: em tempos de ídolos e sacrifícios**. São Paulo: Paulinas, 1993.

SAULNIER, C.; ROLLAND, B. **A Palestina no tempo de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 1983.

TRESE, L. **A fé explicada**. São Paulo: Editora Quadrante, 1987.

VOIGT, S. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1992.

BÍBLIAS de Jerusalém e Pastoral.

Catequista responsável: Sheyla Serra – Catedral de São Carlos Borromeu